

# ASPECTOS DA LITERATURA DE MATO GROSSO<sup>1</sup>

Rubens Mendonça

Conferência pronunciada na primeira Hora Literária do “Grêmio Álvares de Azevedo” (23/05/1937).

Exmo Sr. Cap. Interventor Federal.

Exmo. Sr. Presidente da A.M.L.

Exmo. Sr. Presidente de Honra do Grêmio Álvares de Azevedo.

Meus Senhores

Foi o historiador Klaband, que assim definiu a literatura de um povo: “A Literatura de cada povo é ao mesmo tempo nacional e internacional. Nacional, no sentido de que assenta no idioma, no que de mais seu povo pode criar, e neste sentido ela sempre será e deverá ser nacional, internacional, porque recebe as concorrentes espirituais, que lhe chegam de outros povos, as retém, as utiliza para si e as passa adiante”.

Com o título de Epítome da História da Literária de M.T, deu-nos o Sr. José de Mesquita, no primeiro número da Revisa da AML, a mais perfeita pintura panorâmica da nossa vida mental.

Entretanto, há quem desmereça e oculte, por ignorância, ou por malícia, o acervo da nossa intelectualidade.

Escreveu Ronald de Carvalho, a **História da Literatura Brasileira**, que: “Um povo sem Literatura seria, naturalmente, um povo mudo, sem tradições e sem passado, fadado a desaparecer como reles planta rasteira nascida para ser pisada.” Mas um povo, como este, que possui uma história cheia de heroísmo, uma tradição gloriosa, é também um povo com uma literatura vigorosa e brilhante.

A afirmativa de que em Mato Grosso não se cultivam as letras importa no desconhecimento dos nossos poetas, D Aquino Corrêa, José de

---

<sup>1</sup> in: **Revista da Academia Mato-grossense de Letras**, anoVI, no. XI e XII, p. 153- 157, 1938.

Mesquita e Lamartine Mendes, trindade maravilhosa de parnasianos que tanto orgulha a nossa terra.

D. Aquino, orador e poeta cheio de vigor, o seu verbo facundo é, como no dizer de Arnaldo Serra: “o orador Mirabeau da santa crença”...

Outro é o cantor da Terra do Berço, excelso parnasiano que tão bem evoca as nossas “coisas de antanho”.

Tenho uma alma de rude primitivo  
Cheia de nostalgia do passado,  
E no presente a contragosto vivo  
Como um pobre exilado

Disse alguns Buffon que o estilo é o homem, e nestes versos transparece toda a alma do poeta, e o seu acentuado culto ao passado, que o fez historiador de mérito e ao primeiro linhagista entre nós. Assim o vemos dizer:

#### A alma das velhas casas

No silêncio do pós-merídio grave e ardente  
Entrei a velha casa onde vivera outrora,  
Quando, ainda alma em flor e corpo adolescente,  
Era luz, era ardor, era sonho, era aurora.

A sala ampla e deserta, a varanda silente,  
Ecoam do meu passo ao ruído e, frio agora,  
O quarto onde dormia é lúgubre e dolente  
E o terreiro ermo e nu de rosas não se enflora

É seco o algibe. Chora uma rola num galho,  
Abro o velho portão. Galgo a estéril, maninha  
gleba de morro mal vestida de cascalho...

E desses que – ai de mim! Outrora aqui viveram  
resta, pairando no ar, a alma triste e sozinha  
das velhas casas cujos donos já morreram!

Como poeta, José de Mesquita publicou os maravilhosos livros **Poesias, terra do berço e Da epopéia mato-grossense**, como historiador publica ainda pelo jornal **A cruz** os interessantes estudos que se intitulam **Gentes e cousa de antanho**.

O contista já nos deu *A Cavalhada e Espelho de Almas*, ambos à maneira encantadora que lembra a suavidade de Machado de Assis; Agripino Grieco, em **Vivos e Mortos**, disse de Castro Alves: “que as suas poesias parecem seres vivos.” Vejamos agora como esse dizer se ajusta à A

Garça de José de Mesquita:

Pantanal Água e céus Solidão silenciosa  
 Num remigio, a cortar as aguadas serenas,  
 vai a garça a voar na tarde cor de rosa,  
 e da água escura à tona a asa lhe aflora apenas.

Passa e no limo abjeto e na vaza asquerosa  
 não se lhe mancha o alvor e a candidez das penas,  
 pois no vôo sutil desliza, donairoso,  
 sobre as águas de lodo e de impureza plenas.

Alma de poeta, sê qual a garça voando  
 sobre o vil atascal e sobre a lama impura,  
 olhos postos no azul, no éter sereno e brando...

Conserva teu ideal, tua ilusão querida,  
 e não turves jamais das asas a brancura  
 no sórdido Paul das torpezas da vida...

Após a leitura destes versos sentimos o dizer de Coelho Neto: “Por ela o meu sangue, toda minh'alma para resguardá-la: é o meu amor, é o meu ídolo, é o meu ideal – a forma”.

Torce, aprimora, alteia, lima  
 A frase; e enfim,  
 No verso de ouro engasta a rima  
 Com um rubim.

Agora, Lamartine Mendes completa a trindade brilhante dos nossos parnasianos.

Há pouco, numa **Antologia de poetas paulistas**, lá deparei Lamartine Mendes, entre Guilherme de Almeida e Paulo Setúbal. O fato nos orgulha, porque o seu berço foi esta Cidade Verde.

A volta das canoas, soneto de sua lavra, é um quadro diamantinense, berço dos seus maiores e a pintura é viva e nós todos a sentimos:

A volta das canoas

Quando a tarde se esvai, dourando a mata,  
 E na embaúba, às margens das lagoas  
 Gemem as rolas, descem as canoas,  
 Da água enrugando o espelho que as retrata

Vem da pesca. Um remeiro a voz desata,  
E canta; e as ondas quebram-se nas proas.  
E pelas ondas trêmulas e boas  
Há reflexos de púrpura e de prata.

E os madeiros, em fila, ao vento frio,  
Vão boiando, boiando lentamente,  
Debruçados, tristonhos sobre o rio...

Passam, e a noite cai, pura e silente...  
Passam... e depois fica o fugidio  
Manto de espuma aberto na corrente.

Evocarei um outro poeta, este já da nossa saudade porque caminheiro da derradeira viagem – Leônidas de Matos, cujos versos lembram a harmonia e a delicadeza de Álvares de Azevedo e Antônio Nobre pela simplicidade quase bíblica, comovendo sempre pela doçura melancólica e estranha que neles transparece.

É uma jóia o soneto que vou ler:

Só

Triste nasci. Amargos dissabores  
Emagreceram minha mocidade.  
Da sorte vou sofrendo seus ardores  
Nesta vida de tédio e iniquidade.

Fui feliz algum tempo. Tive amores.  
Sonhei gloria e sonhei felicidade!  
Hoje passo chorando as minhas dores  
Na lira soluçante da saudade...

Sem fé, sem esperança, abandonado,  
Para sempre do gozo desterrado,  
Tendo no peito a mágoa indefinida!

Com Ashvirus, místico, lendário  
Vêu seguindo, tristonho e solitário,  
A caminho do Golgotha da vida!...

Leconte de Lisle, no seu discurso pronunciado sobre Victor Hugo, na Academia Francesa, disse com razão: “Victor Hugo é antes de tudo e sobretudo um grande e sublime poeta. Soube mudar a substância de tudo em substância poética, o que constitui a condição expressa e primeira da arte, único meio de escapar ao didatismo rimado, negação absoluta de toda a

poesia.

Poeta, e de alta inspiração, foi Leônidas de Matos e os seus versos – Do ocaso e o silêncio – bem poderiam figurar entre os de Guimarães Passos ou Antônio Nobre.

Leônidas, como Guimarães Passos, não se filiava a escola nenhuma. Fazia versos e rimava-os com facilidade natural de um pássaro que canta como o Rouxinol, do conto de Oscar Wilde.

Sua alma era poesia, e como a água límpida de um regato que corre era a harmonia dos seus versos.

Ouvi, senhores, estes versos admiráveis:

#### Do ocaso e do silêncio

Nas horas derradeiras  
do Sol morrer, o Ocaso, evocativo,  
parece uma paisagem simbolista...  
é violeta... é sangue... é ouro vivo...  
Tem a cor da Saudade e da Ametista  
das plangentes olheiras...

Longe, em ruínas, a torre secular,  
isolada entre as árvores, levanta  
o seu perfil, em cismas dolorosas...

Olha à distância, espia  
a ver que crente vem para rezar  
a oração derradeira ao fim do dia...  
Despetalam-se rosas...  
uma cigarra ao longe canta...

Cai sobre a terra saudade roxa...  
Um silêncio de seda!  
E a luz vai a fugir... é frouxa... é frouxa...  
debatendo-se aos troncos da alameda...

Ó silêncio da tarde que me exortas!...  
Ó Silêncio...,  
... amigo das igrejas mortas...  
das alcovas esquecidas,  
onde a Saudade vai ouvir chorando  
os beijos que morreram soluçando,  
as palavras perdidas,  
que caladas morreram no silêncio...

Amo-te, Hora, em que o Ângelus dolente,  
na luz crepuscular,

chora saudades brancas pelo Ar!...  
Ó misticismo azul do Pôr-do-sol!...  
Ó Pedraria viva do Arrebol!...  
Ó Quadro Simbolista do Poente!...

Havia algo de afinidade entre as vidas de Leônidas e Guimarães Passos.

Luis Murato, prefaciando um livro de Guimarães Passos, escreveu: “Contam os biógrafos de Schiller que no momento preciso em que o grande poeta ia ser enterrado, chovia copiosamente. De baixo de grossas nuvens carregavam o féretro sagrado. Quando, porém, depuseram o caixão na cova, as nuvens se abriram repentinamente, a lua apareceu e um doce raio aclarou a tumba do poeta.” (sem indicações bibliográficas)

E assim também um raio da nossa saudade vai aclarar a tumba de Leônidas de Matos, o antigo baluarte do Grêmio Álvares de Azevedo.

Depois, ainda outros parnasianos tomam assento na constelação da rima – Alyrio de Figueiredo e Ulisses Cuiabano, cantores primorosos e artistas de labores adamantinos.

Leônidas de Matos e Oscarino Ramos foram os poetas que de modo acentuado mais influenciaram o meu espírito.

Oscarino é simbolista, tal como Mário Pederneiras, cujo ritmo brilha como facetas de diamante. Vejamo-lo cantar...:

#### Saudade

Pelo céu passam pássaros tardios...  
A noite vem!  
Para senti-la assim, eu subo  
A este mirante, solitário, triste –  
(Oh! Esta dor de ver uma tarde morrer!)  
Noite e ao longe clareia...  
Clareia... clareia...  
Como uma grande Flor de Angústia,  
Redonda e grande a lua sobe  
(Pobre romântica desencantada  
Que há tantas noites procura  
Os boêmios trovadores!) (p. 154)  
E, sob a noite clara, a cidade aparece  
Quieta, sepulcral.  
Dormem  
As velhas palmeiras  
A torre da Sé  
Ninguém.  
Só tu, lua, como uma grande lâmpada  
Acompanhas-me nesta vigília

De tormentos profundos  
De onde nasce, cresce e me sucumbe  
Esta grande Saudade  
De alguém.

Quando, vai pouco tempo, andei pelo norte do país, em uma livraria de Aracaju adquirir um volume com o título **A arte de ser breve**. Ainda que breve, me permitirão que alinhe mais nomes – Franklin Casiano, Tolentino de Almeida, José Raul Vilá e Pedro Trouy. Não podendo ser olvidados outros nomes como Euclides Mota, o vigoroso representante da geração que ora surge.

É de sua lavra o soneto que passo a ler, onde se percebe grande influência de Cruz e Souza:

Ridi pagliaccio

Em doidas gargalhadas de cristal,  
no picadeiro o clown entreabre a boca,  
no histerismo da idéia vã e louca  
de esquecer a amargura de seu mal.

Ri, Palhaço infeliz, dessa infernal  
febre que te definha pouco a pouco,  
mergulha tua dor nessa voz rouca,  
nos aplausos da turba vil, boçal...

Não me ilude esse riso alvar que ostentas  
pois, ris com lágrimas no triste olhar,  
soluços nas risadas mortas, lentas,

clown na pista da vida e da ilusão  
sou e rio com ânsia de chorar...  
– Ride Palhaço do meu coração!!!

Parodiando Bilac no prefácio dos Bandeirantes de Batista Cepellos, poderíamos dizer: Eurycles é um legítimo e excelente poeta, a quem tenho o orgulho de saudar em primeira mão.”

Portanto, senhores, Mato Grosso possui nem só (p. 156) poetas, mas igualmente prosadores cheios de vida e de vigor, tem uma literatura bastante farta que vem desde o romantismo de José Tomás de Almeida Serra, até as mais recentes correntes modernistas.

E assim, a nossa terra querida não é somente farta em ouro e diamante; é também farta em pensadores.

Hoje me permitam encerrar aqui esta obscura palestra, tão benevolmente ouvida por auditório assim seletivo. Porém, não silenciarei a

cultura mato-grossense em outros ramos e variados aspectos. Após a Divina Arte, em outra oportunidade direi dos seus demais pensadores.

Senhores, termino com os meus agradecimentos.